

FH faz crítica a políticos

■ Presidente condena, na Itália, união de esquerda e direita contra as reformas

FABIANO LANA

Enviado especial

FLORENÇA, ITÁLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem aos principais líderes mundiais que setores da esquerda e da direita do país, unidos, são os principais obstáculos às reformas progressistas. "A reforma do Estado é fácil de se falar, mas muito difícil de se implementar. Os interesses enraizados no Estado, que são antigos, que juntam hoje a esquerda atrasada com a direita cega, bloqueiam a ação reformadora e tentam passar a idéia de que qualquer caminho do que hoje poderia se chamar terceira

via não é nada mais que um disfarce para a economia de mercado", afirmou.

Fernando Henrique fez a declaração no início da conferência *Progressive governance*, no Palácio Vecchio, em Florença, que debate o futuro dos chamados governos de terceira via, entre o capitalismo e socialismo. Estavam presentes o presidente americano, Bill Clinton, e os primeiros-ministros da Itália, Massimo D'Alema, da França, Lionel Jospin, da Alemanha, Gerhard Schröder, e do Reino Unido, Tony Blair.

Para o presidente, o Brasil passa por um dilema, entre manter uma política econômica de

contenção e resolver os graves problemas sociais. "Ou se controla a inflação e se põe a economia em condições de interagir com o sistema internacional ou se atende com mais rapidez à imensa demanda social."

Governar países em desenvolvimento, de acordo com o presidente, exige equilíbrio. "É preciso uma certa dose de bom senso, de tal maneira que se faça uma política que ao mesmo tempo seja equilibrada, não destrua o tecido da sociedade e busque conservar ao máximo um mínimo de condições sociais para que haja uma sociedade coesa."

Avançar nas reformas, para o presidente, é uma "luta terrível".

"Os que estão, por outro lado, enraizados no Estado para defender seus interesses conspícuos, de grupos dominantes de sempre, às vezes apóiam até mesmo as teses 'mais à esquerda' para bloquear qualquer modificação do aparelho de Estado que quebre o patrimonialismo, o clientelismo, e as práticas tradicionais."

A saída buscada pelo presidente é procurar o apoio da sociedade, "que deve participar crescentemente das decisões de governo, sem perder de vista que, se o governo não for competente, o fundamentalismo de mercado sufocará totalmente as possibilidades de bem-estar social".